

## HISTÓRIAS CRUZADAS E ABERTAS EM *GALILEIA*, DE RONALDO CORREIA DE BRITO

### CROSSED AND OPEN STORIES IN *GALILEIA*, THE RONALDO CORREIA DE BRITO

Eli Brandão<sup>1</sup>

Isabelly Cristiany Chaves Lima<sup>2</sup>

**RESUMO:** Da antiguidade clássica aos dias atuais, os deuses têm dialogado no interior das tramas literárias, afirma o estudioso Brandão (2001). Assim, o discurso religioso recebeu novas nuances – uma teopoética, que nos desafia a travar um colóquio intenso entre os campos discursivos e permite-nos perceber essa relação dialógica que nem sempre é amistosa, mas é intensa, aberta e plural. Portanto, partindo desse pressuposto, pretendemos construir uma breve reflexão sobre o cruzamento entre esses dois campos do conhecimento (a saber: a teologia e a literatura, especificamente a tradição judaico-cristã e a obra *Galileia*, de Ronaldo Correia de Brito). Para tanto, os estudos de Brandão (2001), Magalhães (2009), Alter (2007), Almeida (2000), entre outros, nortearão essa pesquisa.

**PALAVRAS-CHAVE:** *Galileia*, de Ronaldo Correia de Brito. Teopoética. Histórias cruzadas e abertas.

**ABSTRACT:** From classical antiquity to the present day, the gods have dialogued within literary plots, says scholar Brandão (2001). Thus, religious speech received new ways - one teopoética, which challenges us to catch an intense conversation between discursive fields and lets us perceive this dialogical relationship that is not always friendly, but intense, open and diverse. Therefore, under this assumption, we intend to reflect on the relationship between these two fields of knowledge (namely, religion and literature, specifically the Judeo-Christian tradition and the work *Galileia*, Ronaldo Correia de Brito). To this end, studies Brandão (2001), Magalhães (2009), Alter (2007), Almeida (2000), among others will help this research.

**KEYWORDS:** *Galileia*' Ronaldo Correia de Brito. Teopoética. Crossed and open stories.

## 1 UM POUCO DE INTRODUÇÃO

O fazer poético é um trabalho de criação e recriação de realidades, capaz de produzir e inventar seres de papel e tinta que se confundem, em nível de percepção,

---

<sup>1</sup> Doutor em Ciências da Religião pela Universidade Metodista de São Paulo (UMESP). Professor Titular da Universidade Estadual da Paraíba (UEPB).

<sup>2</sup> Mestre em Literatura e Interculturalidade pela UEPB. Bolsista Capes.

com a complexidade e a energia dos seres de carne e osso. Fingindo, deste modo, realidades tão materiais quanto as do cotidiano, logo podendo ser capaz de provocar a empatia e o encantamento.

Essa riqueza discursiva e textual da literatura a torna um objeto aberto, fronteiro, polifônico, na qual podemos ouvir vozes de vários campos discursivos, inclusive o da teologia, formando uma complexa rede de histórias abertas e cruzadas. Cruzadas, pois diálogo com o já-dito, a tradição, o legado. Aberto, porque deixa transitar o novo, o inédito e a descoberto. Tudo em um só espaço: a obra literária.

Assim, partindo desse pressuposto, pretendemos construir uma breve reflexão sobre o cruzamento entre esses dois campos do conhecimento (a saber: a teologia e a literatura, especificamente a tradição judaico-cristã e a obra *Galileia*, de Ronaldo Correia de Brito).

Destacamos que, entre tantos motivos, a escolha da leitura dialógica entre literatura e teologia será feita porque vemos, especialmente dentro da obra, uma relação intrínseca entre o fazer poético e o fazer teológico. Isto é: os dois são movidos por uma linguagem e uma variedade de temas atemporal, polifônica, aberta, reflexiva. Além disso, a literatura utiliza de uma liberdade significativa ao tratar dos temas da teologia, podendo ampliar, com isso, os nossos horizontes interpretativos, os da literatura e os da teologia. Por conseguinte, literatura e teologia podem se recontextualizar; engendrar reescrituras; possibilitar leituras alternativas, destoantes, múltiplas e até harmônicas; releituras do passado, trazendo percepções da realidade que sozinhos, talvez, não conseguíssemos apreender.

### 1.1 UM PASSEIO SOBRE O TECIDO DA *GALILEIA*, DE RONALDO CORREIA DE BRITO

“[...] Nem sei se a estória continua a mesma porque estórias ficam diferentes a cada vez que são contadas.”

(Rubem Alves)

No romance *Galileia*, o narrador autodiegético – Adonias – revela-nos a história mítico-religiosa de sua família, os Rego Castro, que atravessou os ermos dos Inhamuns, brigou pela posse de terras, desapropriou tribos e firmou o espaço

territorial de seu povo, a fazenda Galileia.

A comemoração do aniversário de oitenta e cinco anos do avô e patriarca Raimundo Caetano (que há três anos está moribundo em uma cama depois de uma cirurgia mal-sucedida) é o assunto e o motivador do desenrolar do romance, pois proporciona o reencontro entre os primos Adonias, Ismael e Davi e, conseqüentemente, com o passado, com os fantasmas, com o avô Raimundo, os familiares e a fazenda Galileia, onde a lenda e a realidade se fundem em confluências recíprocas.

A trama é tecida simultaneamente por realidade e lenda, por misticismo e encantamento, em uma literatura realista que disseca os fatos com a descrição exata dos lugares, por exemplo, e em uma literatura fantástica, recheada com fantasia e sedução.

A localização da fazenda é no Nordeste, região brasileira tida como palco de crenças e de falas institucionalizadas como as do tio Salomão, mas também lugar propício a mudanças e a transformações (tal como a de mulheres que saem de casa para tanger *vacas magras em motocicletas*). Essas mudanças são desencadeadas principalmente pelas influências global e midiática, que impulsionam transformações sociais, visíveis principalmente na estrutura familiar.

Embora os primos tenham feito do possível e do impossível para cortar os laços com a região e com o patriarca, eles estão de volta, assim como aves de arribação que, mesmo quando partem sem olhar para trás, retornam, diz o avô. Ao retornarem, eles revivem histórias de adultério, vingança, morte, medos e traumas que estão prontas para serem repetidas e as são.

Na travessia do sertão para a fazenda, Adonias rememora o passado, observa o sertão, os mesmos caminhos repetidos e ainda nos revela algumas das narrativas vividas por sua família. Conta-nos as histórias dos tios, dos avôs, dos primos, de todos como histórias que se repetem, onde o sagrado e profano entrecruzam-se e os discursos se misturam.

Ao chegarem à fazenda, os primos sentem que as cidades e o mundo tornaram-se irrealis e só existe a Galileia. No entanto, o significativo intervalo de tempos distantes da fazenda torna, aos olhos deles, a decadência da terra notória, reflexo da doença do avô. Tudo isso faz do povo da Galileia ambivalente, quer que

ele morra, para não ver a ele e a terra sofrerem, e o quer vivo, para que não morra junto com ele a Galileia e parte da história.

Quatro gerações da família Rego Castro, agora, ficam em volta do patriarca. Ouvem e leem as Histórias Sagradas da família, esperando a morte chegar. No entanto, ela não chega.

Por fim, os primos transladam as fronteiras dos Inhamuns para as suas casas, desvelam-nos alguns segredos e traições de um lugar e de um povo que um dia foi próspero. Eles retornam da longa viagem feita por terras que só conheciam através dos livros e dos filmes, da outra Galileia. Deixam para traz a fazenda; o resto da família; o avô Raimundo, que preferiu ficar vivo, e o desfecho da história, já que o narrador mergulhou de cabeça nas águas e esqueceu tudo, deixando-nos apenas a narrativa e é por ela que, a partir de agora, tentaremos elucidar os nossos objetivos.

## **2 LITERATURA E TEOLOGIA CRUZADAS**

A literatura, que partiu de simples retórica para poder dialogar com a variedade cultural, sempre tem um pouco mais a expor sobre nós mesmos, sobre o outro, sobre a vida, sobre a realidade. O mistério não se esgota no final da leitura e “[...] o significado final é um significado limitado” (BAKHTIN, 2008, p. 337). Tudo isso porque a literatura, como já dissemos, é aberta, fronteira, plural, polifônica. Nela, ouvimos vozes de vários campos discursivos: do sociológico, do teológico, do psicológico, do antropológico.

A materialidade bíblica, por exemplo, continuamente vem se fazendo presente nos textos poéticos. Brandão (2001) nos mostra que desde a antiguidade até os dias atuais os deuses dialogam no interior dos textos literários. O pesquisador aponta as características intrínsecas entre a literatura e a teologia, que as tornam irmãs siamesas, assemelhando-se tanto na fundação (textos mítico-poéticos), quanto na linguagem que utilizam (na maioria das vezes uma linguagem poética).

Na obra estudada, há essa relação dialógica entre os campos do saber. Há uma retomada, efetiva e intensa, dos textos já experimentados pela sociedade judaico-cristã, principalmente os pertencentes ao arsenal discursivo messiânico. Presenciamos, também, características e temáticas similares entre esses campos,

como o desespero, as agruras, a esperança, em suma, o ser humano e os seus sentimentos. Aliás, vemos que elas (literatura e teologia) tentam interpretar o presente, rememorar o passado e nos *revelar* o futuro, para se tornarem imortais. E, salientamos, tornam-se, pois criam, a todo instante, categorias do eterno que são atualizadas a cada leitura realizada.

Sendo assim, podemos afirmar que elas são históricas e proféticas. Embriaga o leitor com um vinho diferenciado: metafórico, atemporal, o melhor da festa. O vinho da arte (literária e teológica) que de forma inevitável traz, simultaneamente, confusão e alento. Repetição e novidade. Uma inebriação de nos fazer gosto.

Dessa forma, podemos parafrasear o personagem Adonias, da obra em pauta, e confirmar categoricamente que as duas histórias (a saber: a teológica e a poética) foram e são cruzadas. Na Galileia e na vida. E esse entrecruzamento, vale enfatizar, às vezes, torna-se importante para ampliarmos o nosso conhecimento, pois a vida é formada de imbricamentos que resulta no outrem. Como mostrou Magalhães (2009), em seus estudos sobre essa relação, é ingênuo acreditar que a arte explica-se por si só, assim como a teologia também não é autossuficiente.

É na fissura dos textos, no aglomerado de tramas, no repertório da memória discursiva literária e teológica (que também é literária, já sabemos), que os textos se relacionam, desdobram-se e aprofundam a leitura da existência humana e, sobretudo, podem nos ajudar a ampliar as interpretações acerca das narrativas teológicas. Interpretação feita de forma livre, leve e solta – das amarras religiosas, do peso institucional e despreendida dos dogmas, respectivamente.

Vale frisar que não estamos vendo aqui a teologia, especialmente através da Bíblia judaico-cristã, como o primeiro livro (o pai de todas as escrituras) que a literatura contemporânea deva imitar, tornando-se devedora da primeira. Também não vemos na literatura o desejo de se pôr no lugar da teologia. Notamos, porém, uma relação que nem sempre é amigável e de concordância, mas através dessa relação surge uma possibilidade alternativa (fora do meio eclesial) de a teologia ser relida, reinterpretada, desvinculada do campo das instituições dogmáticas para transvestir-se de atualidade, secularidade, iluminando as leituras clássicas à luz dos valores do presente e projetando-se para a interpretação do futuro. É o presente bebendo daquilo que melhor se tem dos clássicos.

Para Aristóteles, o sujeito tem uma tendência instintiva para imitar, mas o imitar trabalhado por Aristóteles não é visto meramente como aparência da realidade; é reprodução de uma possível realidade. Dessa forma, conforme o filósofo defende em *Arte Poética*, a imitação seria um meio rudimentar, a priori, de aprendermos e conhecermos o mundo para depois tornar-se um exercício intelectual, pois o imitar estaria associado à razão, à produção e à reprodução de conhecimentos e, principalmente, ligada à atividade comparativa entre o mundo posto e o mundo construído pela *imitação*.

Com essas afirmações, fica-nos claro que a mimese artística, trabalhada por Aristóteles, é acrescida da verossimilhança – a *representação* dos fatos *semelhante à realidade vivida*, dando à ficção a *impressão de verdade*. Em suma, podemos dizer que, para o estudioso, imitar é representar com o máximo de semelhança *possível*, traçando a linha limítrofe entre a existência e a inexistência, a realidade e a semelhança que a obra de arte lança mão, formando não uma realidade atual ou presente, mas uma realidade provável ou possível e uma imitação não do individual ou contingente, porém do essencial e necessário.

Vemos, a partir do exposto, que o filósofo deu um dos pontapés iniciais na reflexão sobre a Arte e, em consequência, sobre a Literatura, levantando questionamentos acerca da representação, dos simulacros, da mimese, da verdade, da ficção e da realidade. Termos também responsáveis por calorosos debates que até hoje permeiam o estudo sobre o fenômeno literário. Fenômeno este, já podemos afirmar, que não se limita a simples dicotomias impenetráveis, mas que traça linhas, para usar a expressão deleuziana, e essas linhas – tomadas da vida vivível – evadem-se e transformam-se a cada leitura realizada e a cada vida vivida, em um cruzar intenso e tenso.

### **3 HISTÓRIAS CRUZADAS E ABERTAS**

É notória a eficiente relação entre elas (literatura e teologia). A literatura pode *imitar* (e na Galileia imita) a tradição judaico-cristã, principalmente a presente nos textos bíblicos. E a tradição bíblica é atualizada através das leituras literárias. Não significa, com isso, que na obra literária haja uma confirmação do já posto pela

tradição. Significa, contudo, dizer que a obra vai fazer aquilo que lhe apraz para a composição de seu texto, podendo confirmar, negar, ridicularizar, satirizar, fazer referências ou também reproduzir tramas e personagens.

Assim, no jogo dialógico entre os campos discursivos, não temos uma repetição como é vista na concepção simples do termo. Temos o fingimento e a empatia. Presenciamos a introdução inevitável de algo novo, da concepção, compreensão e avaliação de mundo ou de um objeto que será levada ao texto novo, tornando-o bivocal, ampliado ou reduzido. (BAKHTIN, 2008)

Quando esse processo se concretiza, já não sabemos definir de quem é a voz. Adonias narra como a mistura de vozes ocorre na Galileia. Ele relata:

No meu ouvido ressoa a voz de um antigo profeta, voz solene como a de todos que nascemos por aqui. Vá, Ismael, nos guie! Santificado seja o teu nome. Um anjo do Senhor virá em teu socorro. O filho da escrava não será desamparado, uma fonte jorrará no deserto. Do proscrito também nascerá uma grande nação. (BRITO, 2008, p. 42).  
Em nossas conversas repercutem as vozes da família, de pais, tios e avós. Misturam-se as falas, nunca sabemos se alguém sopra em nosso ouvido o que vamos dizer. É de Elias o texto que ouvimos ou de tio Salomão? [...] As vibrações sonoras disputam espaço [...] Quem fala mais alto? (BRITO, 2008, p. 115, 205).

Não sabemos de quem é a voz mais eminente. Ouvimos ecos, ruídos, falas, paráfrases, paródias, estilizações e muitos interdiscursos, como no fragmento acima que remonta a passagem de Gênesis, quando Hagar e Ismael são *expulsos* da casa de Abraão<sup>3</sup>. Ouvimos falas da teologia, falas de outras literaturas, falas das outras Galileias, como já mencionamos. O discurso inaugural nos parece que, realmente, só o Adão mítico foi capaz de pronunciar. Depois disso, tudo é interdiscursividades/intertextualidades. As palavras do outro passam a interferir nas nossas. As palavras do outro se tornam importantes para reforçar as nossas. E, por último, sentimo-nos autorizados para usar essas palavras, revestindo-as com nossas intenções, que podem ser estranhas ou hostis<sup>4</sup>, mas sempre serão pronunciadas e sempre serão nossas. É a ação que pede uma reação de igual intensidade, como

---

<sup>3</sup> Cf. Gênesis 21. 14-21.

<sup>4</sup> Nesse trecho, baseado no pensamento de Bakhtin, retomamos o processo de repetição da vida na teo-poética e a repetição da teo-poética na vida.

aponta a Lei de Newton na física ou os estudos de Bakhtin na linguística, que afirma sempre haver uma resposta quando estamos no simpósio enunciativo.

Na Galileia, por exemplo, a imitação é levada a sério. Nem distinguir, às vezes, quem é o “autor” de determinada fala. É a voz da Bíblia? A voz reconfigurada dos tios, do avô? A imbricação entre elas? Não sabemos. Todas as vozes clamam a procura de um espaço, sobrepõem-se umas sobre as outras, reivindicam exclusividade e, paradoxalmente, procuram a repetição, através da metalinguagem.

Assim, as histórias se repetem, o ausente se torna presente através do ato de rememoração. As narrativas bíblicas são relidas tanto parafrásica, parodística, quanto carnavalescamente. Como o ato de circuncisão, por exemplo – operação mediante a qual se corta o prepúcio – originalmente, apenas uma medida profilática, higiênica, para depois tornar-se ato de caráter altamente religioso, denotando consagração a Deus e purificação. O discurso é retomado no âmbito da crítica histórica e cultural. Adonias descreve a forma como era praticada esse ato, na Galileia:

O gesto simbólico, e também real, de um cristão-novo aderir ao judaísmo era submeter-se à circuncisão, por mais adiantada que fosse a idade do aspirante. Tio Josafá garantia que vinha dessa herança judaica a importância que dávamos ao costume de quebrar o cabresto, soltar o freio e o prepúcio da glande, deixando-a livre, o que fazíamos sozinhos nos masturbando, ou nas brincadeiras com as cabras. Nenhum sacerdote nos ajudava na iniciação à vida adulta. (BRITO, 2008, p. 25).

Observamos, nessa passagem, a desautomatização do discurso oficial, por meio da contestação. A circuncisão da Galileia não necessita da ajuda dos sacerdotes, podia realizar-se por meio da zoofilia ou do onanismo. Aqui, temos uma paródia sacra, um efeito carnavalizador, pois as personagens tornam, conscientemente, relativas as práticas instituídas, colocando a lógica tida como inicial e pré-estabelecidas ao avesso.

Assim sendo, a literatura e os textos bíblicos dialogam e este último torna-se literatura de grande maestria, apresentando uma narrativa com economia de detalhes; complexidade textual que é propícia para fugir de leituras unívocas; temas



que vão da lembrança à fantasia; “[...] sintaxe expressiva, a ambiguidade deliberada e a repetição proposital de palavras [...] uma teia de relações que se ramificam pelo texto”, diria Alter (2007, p. 11-12, 15).

Grossman (2006) corrobora as palavras de Alter, afirmando que:

[...] não é de se espantar, porque na maior parte das vezes a Bíblia é muito concisa ao descrever os sentimentos de seus heróis – a Bíblia é uma narrativa de ações e fatos – e deixa por nossa conta, por conta de cada leitor, o trabalho da adivinhação, trabalho por si só emocionante e que também contém riscos conhecidos da seleção e sedução do imaginário. (GROSSMAN, 2006, p. 24-25).

Todas essas características inerentes ao texto bíblico exigem que façamos leituras literárias da Bíblia. Que atentemos para as personagens, para o estilo, para o enredo e, sobretudo, para a economia de detalhes que é o encanto e a armadilha do texto bíblico. Encanto, pois suscita em nós a curiosidade; o preenchimento das lacunas; a procura para entender a metáfora; a nossa coparticipação e a imaginação criativa para compreendermos a fala de um jumento para um profeta; a promessa de uma grande nação para um homem já avançado em idade; a usurpação da primogenitura entre irmãos; a expulsão do paraíso<sup>5</sup>; ou, ainda, uma “aposta” entre Deus e o diabo pela resignação ou não de Jó.

É também armadilha, pois no texto bíblico há um convite para a reescritura, para a intertextualidade/interdiscursividade incessante e para o *como se fosse*. Um belo laço do passarinho que nos prendemos por vontade (outras vezes nos prendemos sem querer), mas construímos o nosso destino-histórico com os olhos para a religiosidade, mesmo que seja para negá-la. E quando conseguimos (confirmá-la ou negá-la) achamos que não há coisa mais bela.

O personagem Raimundo, o patriarca, era preso nos laços de repetição – um exímio imitador das escrituras. Certo dia:

Um fato doloroso agravou as frágeis relações na Galileia. O caçula Benjamin, o mais amado dos nove filhos, por sua inteligência e vivacidade, morreu vítima de um erro médico, mal completara sete anos. Ardeu-se em febre por três dias seguidos, tempo em que

---

<sup>5</sup> Cf. Brito, 2008, p.231: “Por que nos expulsaram do paraíso?”.

Raimundo Caetano recusou-se a comer e dormir, a trocar de roupa e a pentear os cabelos. Rolava pelo chão, rezando e pedindo a Deus que não levasse a criança. Mas Ele a levou, apesar das súplicas. Quando comunicaram a Raimundo Caetano que o seu caçula morrera, ele levantou do chão, lavou-se, vestiu uma roupa limpa, penteou e perfumou os cabelos, mandou que lhe servissem uma refeição e comeu. (BRITO, 2008, p. 62, 63).

Nesse fragmento, vemos resquícios do texto presente em segundo Samuel 12. 14-23, da Bíblia judaico-cristã. A imitação é levada a sério. “Tamanha beleza é pura armadilha”. (BRITO, 2008, p. 7). Raimundo imita seriamente o processo que o Davi bíblico realizou. E nesse jogo de encantamento e de armadilha, a literatura cumpriu a sua tarefa. Cumpriu com a *vocação* da qual foi chamada: repetir e transformar. Podendo transformar as personagens e as narrativas bíblicas em protagonistas de tramas literárias, copiar o estilo, selecionar e fundir palavras para através do *como se* devolver a realidade que, inevitavelmente, imitará a literatura assim como a literatura já foi, e é, imitadora da Bíblia. Tudo em um jogo de confluência e trocas recíprocas. A vida (a realidade) imita a arte (literária e teológica). E a arte imita a vida. Não nessa ordem obrigatoriamente.

Assim, Bíblia e literatura sempre se cruzaram (e se cruzam), como se mostra na passagem em Atos 17. 28, *grifo nosso*: “[...] nele vivemos, e nos movemos, e existimos, como algum de *vossos poetas disseram*: pois somos também sua geração”. Somos todos apenas um povo, geração com os mesmos desejos poéticos de repetição. Como diria o poeta Manuel Bandeira: “a poesia está em tudo – tanto nos amores, como nos chinelos, tanto nas coisas lógicas, como nos disparates” e acrescentamos tanto na Galileia como na Bíblia, tanto no homem como no Deus. Por isso, insiste em repetir-se continuamente<sup>6</sup>. Abrir-se e cruzar-se.

#### 4 ALGUMAS CONSIDERAÇÕES

“Tudo é Bíblias.”  
(Adélia Prado)

---

<sup>6</sup> Magalhães (2009, p. 84) confirma o processo proclamativo<sup>6</sup> ao afirmar que não há “[...] nenhum tema relevante para a teologia que não tenha sido objeto de interpretação explícita na literatura do nosso contexto (em especial, o contexto latino-americano)”.

É dessa forma, e de outras tantas relatadas na obra, que vemos o processo de discursos abertos e cruzados. Isto é: é visível o *empréstimo*, que o romance realiza. Empréstimo, salientamos, do discurso religioso da Bíblia. Assim, percebemos que tanto a literatura quanto o livro bíblico possuem a linguagem, a cultura e a vida como materiais composicionais, modificando-se a cada leitura. Logo, tornam-se atemporais, anespaciais, perenes<sup>7</sup>, grandes influenciadores para as composições textuais. Best-sellers contínuos. Tudo sendo poesia. E tudo sendo Bíblias, como bem lembrou a profeta-poeta Adélia Prado.

A despeito disso, embora compreendamos que as instituições tenham cristalizado interpretações e criado chaves de leituras fechadas, a Bíblia nos apresenta significações variadas. Características que não dependem de maneira alguma da fé, que o escritor possa vir a ter, nem muito menos depende de instituições ou filiações religiosas dele para podermos apreendê-las. Pois, o conteúdo bíblico é recheado com imagens da condição e da contradição humana, que transcendem o tempo, o espaço e a religiosidade, tornando-se atrativas para os escritores e os leitores.

Dessa forma, podemos dizer que o verbo bíblico se renova a cada leitura e não volta vazia. É discurso poético, com isso, inclui imaginação narrativa, exaltação de sentimentos e experimentação reflexiva da realidade. Exige-nos as interpretações “profanas” – livres dos dogmas – para os fatos históricos, ocorridos em seu tecido literário. Exige-nos a interpretação “sagrada”, para podermos compreender os fios metafóricos.

Destarte, há obras literárias, como o romance em estudo, que oferecem a conveniência para o texto bíblico ser lido e vivido fora do contexto eclesiástico, livre da compreensão mediada, inscrevendo-se na liberdade de interpretações, rupturas e, contraditoriamente, preservação da memória teológica. Isto é: elas (literatura e teologia) se *imbricam e brigam*, influenciam-se, dialogam e fazem trocas mútuas, que podem nos ajudar a entender os discursos cruzados e abertos sem o peso institucional.

Assim, a obra em pauta nos desafia a uma leitura mais profunda desse cruzamento. Leitura que provocamos os nossos leitores a realizar.

---

<sup>7</sup> Características de uma boa literatura como apontou Antoine Compagnon (1999).

## 5 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

*A Bíblia de Estudo Almeida*. São Paulo: Sociedade Bíblica do Brasil, 2000.

ALTER, R. *A arte da narrativa bíblica*. Tradução de Vera Pereira. São Paulo: Companhia das Letras, 2007. 285 p.

COMPAGNON, Antoine. *O demônio da teoria: literatura e senso comum*. Trad. Cleonice Paes Barreto Mourão. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1999.

BAKHTIN, Mikail. *Problemas da poética de Dostoievski*. BEZERRA, Paulo. (trad.). 4. ed. Rio de Janeiro: Forense universitária, 2008. (p. 1-7; 207-263; 318-341).

BRANDÃO, Eli. *Literatura e teologia no cenário brasileiro*. In: QUEIROZ, Rosângela (org.). Estudos literários e socioculturais. Campina Grande: EDUEP, 2006.

\_\_\_\_\_. *O nascimento de Jesus Severino no auto de natal pernambucano*. São Bernardo do Campo: UMESP, Tese. Departamento de Ciências da Religião, Universidade Metodista de São Paulo, 2001.

BRITO, Ronaldo Correia de. *Galileia*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2008.

GROSSMAN, David. *Mel de Leão*. O mito de Sansão. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

MAGALHÃES, Antonio. *Deus no espelho das palavras: teologia e literatura em diálogo*. São Paulo: Paulinas, 2009.

\_\_\_\_\_. *Expressões do sagrado*. Aparecida, SP: Editora Santuário, 2008.

\_\_\_\_\_. *A Bíblia como obra literária: hermenêutica...* In: SALMA, FERRAZ et. al. Deuses em poética: estudos de literatura e teologia. Belém: UEPA; UEPB, 2008.

MARIZ, Cecília Loreto. *Mundo moderno, ciência e secularização*. In: \_\_\_\_\_. FALCÃO, Eliane Brígida Moraes (Org.). Fazer ciência, pensar a cultura: estudos sobre as relações entre ciência e religião. Rio de Janeiro: UFRJ, 2006, p. 97-128.